

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2008

A CASA DE AUGUSTO ABRE AO PÚBLICO

Após décadas de restauro minucioso, abriu as suas portas ao público, no dia 10 de Março do corrente ano, em Roma, a casa de Augusto, o fundador da dinastia Júlio-Cláudia e primeiro imperador de Roma. A zona restaurada e agora em exposição situa-se no lado norte do peristilo, na ala leste da *uilla*, que tem uma área de doze mil metros quadrados.

Um pequeno fragmento de estuque pintado conduziu, no início dos anos 60, o arqueólogo Gianfilippo Carettoni, que realizava escavações no Palatino, à modesta *uilla* de dois andares, habitada por Augusto antes de assumir os destinos do mundo romano. Com os seus tectos abobadados, a casa era composta por quatro divisões: uma sala de jantar, um quarto, um sumptuoso *atrium* e um pequeno escritório no primeiro andar.

Impressionado, Suetónio destaca a simplicidade da residência (*Aug.*,72-73). Segundo o autor, Augusto viveu numa casa que havia pertencido ao orador Calvo, antes de adquirir a *uilla* de Hortênsio¹, que não se distinguiu nem pelo tamanho nem pela decoração. No seu interior possuía pequenas colunatas de pedra albana, sem qualquer decoração em mármore, e o pavimento dos quartos era igualmente modesto. Esta simplicidade reflectia-se também nos utensílios e mobiliário que possuía, o qual poderia pertencer a um qualquer humilde cidadão. O imperador, que alegadamente pernitoiu durante mais de quarenta anos no mesmo quarto, utilizava o pequeno escritório, a que chamava Siracusa ou *tekhyphion*², sempre que necessitava de abordar questões secretas sem interrupções. Avesso ao luxo e à ostentação, ordenou mesmo que uma residência construída por Júlia, a sua neta, fosse demolida. Díon Cássio (49, 15, 5) complementa estas informações acrescentando que, depois da vitória sobre as forças de António em Áccio, o povo decidiu oferecer-lhe, a expensas do Estado, uma casa, uma vez que Augusto havia transferido a sua residência para a *res publica*. Neste local tinha consagrado um templo a Apolo Vingador, depois de um relâmpago a ter atingido, e os *haruspices* terem declarado ser essa a vontade divina (Suet.,

¹ Geralmente referida como a casa de Lívía.

² “Pequena oficina”.

Aug. 29). Quando a residência foi destruída por um incêndio, Augusto recebeu doações de veteranos, tribos, cidadãos e associações para ajudar à reconstrução mas ele apenas aceitou, de cada um, algumas moedas (D.C., 55, 12, 4; Suet., *Aug.* 57)

No interior da casa, as divisões, cheias de entulho e de pó, acumulados ao longo de dois mil anos, revelaram um dos maiores tesouros da pintura romana alguma vez encontrados, comparável apenas aos frescos de Pompeios, Boscoreale, Boscotrecase e Herculano, sepultados aquando da erupção do Vesúvio, em 79 da nossa era. É, aliás, nesta região da Campânia, que se concentra a maior parte da pintura romana que chegou até nós.



Com um custo estimado em cerca de dois milhões de euros, o restauro dos frescos agora revelados, alguns dos quais ainda se encontravam intactos nas paredes, permitiu a reconstituição de cerca de 90% dos mesmos. Encomendados por volta de 30 a.C., a um dos melhores artistas do seu tempo, possivelmente de origem egípcia, neles predominam o azul, o vermelho e o ocre. Infelizmente para nós, os motivos escolhidos não nos revelam o gosto pessoal de Augusto. A decoração de uma das salas foi inspirada pelo teatro e as paredes foram pintadas como se de um palco se tratasse, com uma porta lateral estreita, onde uma máscara cómica nos olha fixamente, através de uma pequena janela. O quarto foi decorado em tons de

vermelho, turquesa e púrpura, com pequenas ninfas bailarinas e cavalos. Entre outros frescos, contam-se um jardim e um melro fielmente retratados, além de umas colunas amarelas unidas por grinaldas de ramos de pinheiro, sagrados para o culto de Cibele, cujo templo se situava nas proximidades.

Os frescos pertencem ao segundo estilo pictórico romano, que floresceu durante as últimas décadas da República e que se prolonga até aos primeiros anos do Principado augustano. As paredes eram decoradas com elementos tomados da arquitectura (como colunas ou palcos). Com uma cuidadosa utilização do *trompe-l'oeil*, através do jogo das perspectivas e das sombras, criava-se a ilusão óptica de que se estava perante objectos representados a três dimensões. Esta técnica permitia ao pintor sugerir a existência de um mundo imaginário que se estendia para lá da parede pintada e, em simultâneo, criava a ilusão de que o compartimento (frequentemente sem janelas) era maior do que na realidade.

Plínio (*NH*, 35, 116-117) atribui a Espúrio Tádio, contemporâneo de Augusto, uma nova técnica na decoração de paredes, que inclui a introdução de imagens de *uillae*, pórticos, jardins, paisagens costeiras, bosques, colinas e rios, de acordo com o gosto de cada um, assim como representações de personagens que caminham, pescam, navegam, caçam, vindimam ou chegam de viagem às suas casas.

Uma das paredes do *atrium* conservava ainda *graffiti*, muito provavelmente deixados pelos construtores, enquanto esboçavam os padrões geométricos, para numa fase posterior assentarem os mosaicos.

Devido à fragilidade dos frescos, apenas serão permitidos grupos de cinco visitantes de cada vez nas salas. Espera-se, todavia, uma grande afluência de público³. No dia 9 de Março, e apesar de as visitas serem exclusivamente por convite, reuniu-se uma multidão no local, disposta a uma espera que durou em média cerca de duas horas, para poder visitar o recinto.

Uma pergunta surge, todavia, de imediato. A curto prazo, qual será o futuro da *uilla* e seus frescos? Tomemos como exemplo a *Domus Aurea*, construída por Nero, depois do grande incêndio que devastou a cidade, em 64 d.C. Depois da sua abertura ao público, tornou-se de tal maneira instável, devido às infiltrações que danificam igualmente os frescos e os mosaicos, apesar dos esforços realizados para manter a humidade sob controlo, que várias das suas divisões foram vedadas aos visitantes por não ser possível garantir a segurança destes, enquanto outras se encontram envoltas em

³ Cada bilhete custa 11€.

andaimas. Apenas uma pequena secção é ainda visitável. Todo o orçamento atribuído é gasto a tentar controlar a humidade e a limitar a disseminação de musgo e algas que invadiram os tectos, outrora cobertos de ouro, marfim e pérolas. Será esta a crónica de uma morte anunciada para a *uilla* augustana?



O turismo aumentou cerca de 40%, de acordo com as autoridades italianas. Para esse aumento contribuíram também os trabalhos arqueológicos em curso por toda a Cidade Eterna. Mas o desafio de conservação que se enfrenta é enorme. Os fundos são manifestamente insuficientes, ou não estão sequer disponíveis, para assegurar o restauro e a sua posterior manutenção, pelo que os arqueólogos enfrentam a decisão, cada vez mais comum, de

voltar a cobrir de terra os achados, depois de estudados. O turismo não é, contudo, o único responsável pela degradação dos monumentos. As alterações climáticas, as chuvadas que se abatem por vezes sobre a cidade e as infiltrações que daí resultam, contribuem também para a erosão do solo, já de si muito fragilizado pelas sucessivas construções erigidas ao longo dos séculos. O Palatino é um exemplo perfeito desta situação. A instabilidade do local levou a que grande parte tenha permanecido vedado aos visitantes.

Estas questões não parecem por enquanto muito pertinentes para os responsáveis pela cultura e pelo património ou para os turistas ávidos de novas descobertas. Em Novembro de 2007, arqueólogos italianos deixaram o mundo estupefacto, uma vez mais. Durante os trabalhos de restauro do palácio de Augusto, numa zona até aí inexplorada, descobriram a mítica gruta onde alegadamente Rómulo e Remo teriam sido amamentados pela loba. A estrutura circular, com oito metros de altura e sete metros e meio de diâmetro, encontrava-se a dezasseis metros de profundidade. O receio de que a gruta abatesse e danificasse os edifícios circundantes levou os arqueólogos a utilizarem endoscópios e *scanners* de *laser* para a estudarem. Uma sonda com câmara incorporada revelou que o tecto estava coberto de conchas, mosaicos e mármore, havendo uma águia branca ao centro. Está também já agendada para o próximo ano a reabertura ao público do mausoléu de Augusto, inspirado no de Alexandre o Grande.

NÍDIA SANTOS

ANO VIEIRINO: O PADRE ANTÓNIO VIEIRA NO PÚLPITO, EM COIMBRA

Por ocasião do quarto centenário do nascimento do célebre jesuíta, multiplicam-se as celebrações comemorativas. Um pouco por todo o país organizam-se colóquios, exposições, teatro, concertos e congressos evocativos desta personalidade singular e verdadeiramente genial.

Missionário incansável, orador excepcional, diplomata experiente, o Padre António Vieira não deixa de nos surpreender pela sua acção plurifacetada. Do sertão agreste às refinadas cortes da Europa, na defesa dos índios, no ataque à escravatura, na apologia da Restauração da Coroa